

Discutindo intimidades: percepções sobre a sexualidade feminina no jornal *Lar Católico*

Paola Lili Lucena*

Resumo: Em várias regiões do Brasil, inclusive na cidade de Juiz de Fora, a década de 50 foi marcada no campo das relações amorosas, pela prevalência de uma dupla moral sexual, que restringia a sexualidade feminina. De um modo geral, as mulheres encontravam poucos espaços, até mesmo dentro de suas famílias, para discutir e entender melhor os vários mecanismos de suas próprias sexualidades. Nesse contexto de relativo silêncio e de valores rígidos que controlavam a sexualidade feminina, estão inseridas as leitoras do periódico *Lar Católico*, que escrevem para o consultório sentimental do jornal, com a intenção de obter orientações para o seu comportamento sexual. A partir disso, o objetivo desse artigo é analisar alguns depoimentos deixados por mulheres no jornal juiz-forano *Lar Católico*, enfocando os momentos nos quais elas tratam de questões relativas ao campo sexual, para observar como essas personagens compreendiam e exerciam a sua sexualidade. Em suma, pretende-se discutir quais eram as principais dúvidas, anseios, expectativas e ideais que essas mulheres possuíam no que diz respeito às interações sexuais.

Palavras-chave: sexualidade, gênero, imprensa feminina

abstract: In several regions of Brazil, including the city of Juiz de Fora, the 50's was a decade marked by the prevalence of a dual sexual morality concerning love relationships. In general, women found few spaces, even within their families to discuss and better understand the mechanisms of their own sexualities. In this context of relative silence and rigid values that controlled the female sexuality are included the readers of the newspaper *Lar Católico* that wrote for the sentimental section with the purpose of getting guidelines for their sexual behavior. Taking this into account, the purpose of this article is to analyze some writings left by women in the *juizforano* newspaper *Lar Católico* focusing on the moments in which they deal with issues concerning their sexuality, to observe how these women understood and developed their sexuality.

Keywords: sexuality, gender, women's press.

Introdução

Durante a década de 50, uma classe média urbana começou a se estruturar na cidade de Juiz de Fora. Imbuída de um conjunto de valores historicamente construídos, que estabeleciam padrões de comportamento morais e uma divisão sexual de papéis sociais, essa classe média procurou repassar seu tradicionalismo para as futuras gerações. Mas a realidade social, em constante mudança já permitia algumas liberdades para os mais jovens, que não existiam nas décadas anteriores. Imersas nessa cultura tradicional, que se via obrigada a dialogar com novas (porém ainda muito tímidas) possibilidades de interação social, estavam as adolescentes juiz-foranas.

Essas jovens detentoras de expectativas, sentimentos sonhos e aflições são sujeitos determinantes dentro do contexto da história social. As suas atuações, enquanto atores históricos determinam e estimulam o processo de transformação social. Em particular, no caso das jovens juiz-foranas, cujas suas experiências de vida foram essências para promover gradativas mudanças no cenário social, uma vez que elas dialogavam com os valores socialmente compartilhados, abrindo precedentes de liberdades para as gerações posteriores. Particularmente, interessa a esse trabalho enfatizar como as jovens leitoras do jornal *Lar*

* Mestranda pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Católico relatavam suas dúvidas e suas experiências em relação ao sexo, para entender como elas resignificavam os valores tradicionais reforçados pelo jornal, de acordo com os seus interesses particulares.

1- A sociedade e o comportamento: a divisão sexual dos papéis.

Sobre a sociedade dos anos 50, o estudo que a historiadora Carla Bassanezi realizou a partir da análise de determinadas revistas nacionais voltadas para o público feminino, é elucidativo no que diz respeito à observação de alguns costumes dessa época. Ela observou que essas revistas abrangiam todo um discurso referente à diferenciação sexual, que pautava a vida familiar, levantando assuntos relativos às regras de comportamento social, à sexualidade, ao casamento, à juventude, ao trabalho feminino e à felicidade conjugal. (BASSANEZI,1997:609). A partir da leitura de sua obra, torna-se possível vislumbrar as principais normas que guiavam aquela sociedade, observando não só os papéis que eram delegados à mulher (mãe e esposa), mas também o grau de importância que determinados aspectos__ tais como a sexualidade, o amor, a família e o casamento__ poderiam alcançar em suas vidas. Para ela, as revistas serviam para aconselhar e informar as mulheres, e acabavam por influenciá-las. Por outro lado, essas revistas acompanharam as mudanças sociais, vividas e promovidas pelas mulheres.(BASSANEZI,1997:609) Enfim, as conclusões obtidas por Bassanezi, são muito relevantes para delinear todo um padrão comportamental feminino que era compartilhado pela sociedade da época.

O primeiro ponto que deve ser considerado está atrelado à questão de um ideal de família estruturada, socialmente desejável, composta pelo casal e pelos filhos. Dentro dessa família, seria estabelecida uma divisão clássica, baseada no critério sexual, caracterizada pela desigualdade. Enquanto o homem era compelido a desenvolver determinadas habilidades, que o tornaria apto para exercer alguma atividade profissional que garantisse o sustento da família, a mulher deveria ter acesso a uma formação, que a permitisse cuidar dos afazeres domésticos e das questões familiares.

Essa distinção estava baseada em um claro entendimento a respeito do que seria a feminilidade e a masculinidade. Atualmente, esses conceitos são interpretados como construções históricas, que são solidificadas ou descartadas de acordo com os pressupostos culturais que estão em voga em um determinado grupo social.¹ Entretanto, nos anos 50, os conceitos de feminino e masculino eram entendidos como inerentes à natureza do homem e da mulher. Enquanto a mulher era definida por características como a pureza, a docilidade a

delicadeza, fragilidade, resignação e maternidade,(CUNHA,2001:202) o homem era reconhecido por sua força, autoridade, ousadia e poder. Isso fica bem claro quando Bassanezi menciona que “estas relações são definidas por um conjunto de normas sociais, mas aparecem em termos de representações naturais, desistoricizadas e válidas para todas as classes”(BASSANEZI,1996:114-115).Assim, essas características “naturais”, determinavam quais eram os espaços onde homens e mulheres deveriam atuar.

A partir disso, percebe-se o quanto era desigual o jogo de forças entre homens e mulheres dentro de uma relação. Mas é preciso atentar para o fato de que as mulheres estão predispostas, devido a todo um conjunto de fatores culturais, a aceitar a sua própria sujeição ao homem. Sobre isso, Roger Chartier expõe o seu ponto de vista, especificando que a questão da inferioridade feminina está inscrita no imaginário de ambos os sexos. Mas ele prevê uma margem de manobra para as dominadas, que podem utilizar-se de recursos para subverter essa relação de dominação. Isso pode ser verificado, quando se leva em consideração a situação social vivenciada por homens e mulheres no período estudado.(CHARTIER,1995:40)

2-O jornal, a conselheira e as leitoras

O *Lar Católico* periódico semanal, criado nas primeiras décadas do século passado pelos missionários do Verbo Divino, tinha por finalidade divulgar assuntos ligados à religião. Dentre eles, destaca-se a discussão dos evangelhos bem como a elucidação de aspectos morais da vida cotidiana. A sua vocação religiosa fazia com que grande parte do periódico se dedicasse aos aspectos da vida católica, no entanto havia espaço para informar algo sobre o cinema e a família, por exemplo. Nesse último ponto, destaca-se a atuação da *Página Feminina*, um espaço reservado no jornal para debater relações familiares e outros temas de interesses predominantemente femininos, como a moda, os folhetins e os problemas de cunho afetivo.

Dentro da *Página Feminina*, encontrava-se uma coluna denominada *Intercambio com as leitoras*, na qual as leitoras do jornal poderiam emitir a sua opinião a respeito do conteúdo da página feminina, e principalmente relatar os seus problemas pessoais, pedindo auxílio para solucioná-los de modo eficaz. Logo, este artigo é o resultado de uma análise realizada a partir da leitura dessa coluna especificamente, pois foi através dela que se viabilizou acesso ao discurso das jovens. Analisando os depoimentos, pode-se perceber que uma parcela significativa das leitoras que participavam da coluna, possuía problemas de ordem emocional,

¹ Isso foi possível através da utilização da categoria gênero. Sobre isso ler: SCOTT, Joan. História das Mulheres,

principalmente amorosa. O público alvo da coluna era composto por leitoras jovens, ainda na fase do namoro, que tinham dúvidas sobre como proceder diante das dificuldades afetivas e sexuais.

É muito difícil estabelecer um perfil social dessas moças, uma vez que a maioria delas nem sequer mencionam o seu verdadeiro nome. Elas se utilizam de pseudônimos para que não pudessem ser identificadas. É possível que algumas delas fizessem uso desse artifício por pura timidez. Outras assim procediam, para que os namorados ou os familiares não soubessem que elas tinham pedido conselhos ao jornal. Por fim, algumas poderiam temer a represália social, devido ao teor ousado de suas revelações. Mas mesmo utilizando o pseudônimo, algumas meninas pediam que nenhum trecho de suas cartas fosse publicado, de modo que, nesses casos, só se pode tomar contado com a sua situação através da fala da conselheira. Em determinadas circunstâncias, a própria conselheira não publicava a carta, pois considerava o conteúdo inadequado para as leitoras.

Isto posto, seria importante discutir um pouco mais sobre quem aconselhava essas meninas. Primeiramente, é necessário especificar que se tratava de uma senhora casada, Dona Maria Magdalena Ribeiro de Oliveira, que dispunha de grande respeitabilidade social e de um grau bastante razoável de instrução. Essa senhora participava da Ação Católica, um movimento religioso consistente. Seus conselhos, de um modo geral, refletiam o pensamento e o comportamento vigentes na época. O seu discurso possuía um forte teor religioso, já que suas ponderações se baseavam no que a religião católica estabelecia como sendo o essencial para se ter uma vida satisfatória, feliz e cristã. Suas falas deixavam transparecer a importância do casamento e a família, entendidos como instituições essenciais para o bom andamento da humanidade.

Diante desse comportamento da conselheira, tão voltado para a defesa dos bons costumes e do casamento nos moldes cristãos, é possível se perguntar por que as leitoras que tinham dúvidas sobre sua sexualidade recorriam à coluna. Nesse caso, vale ressaltar um aspecto muito importante: a confiabilidade que a conselheira inspirava nas meninas. Pela coluna, tem-se a impressão de que existe uma verdadeira relação de confiança entre as partes envolvidas no diálogo, de modo que as leitoras recorrem à conselheira como se ela fosse uma velha amiga, sempre disposta a ajudar. Na verdade, essa relação é ainda mais estreita, na medida em que os assuntos relatados eram repletos de sentimentos muito pessoais, com as quais as leitoras tinham dificuldades de lidar.

Assim, a coluna tinha, de certo modo, um papel social e emocional considerável, uma vez que através dos conselhos emitidos, parte das meninas pode enfim, resolver seus problemas e amenizar as suas questões. Seu papel social pode ser evidenciado, quando se leva em consideração que algumas meninas recorreram à coluna, pois não encontravam em suas casas, o espaço para discutir e conversar sobre seus problemas. Isso fica evidente, quando se trata de qualquer assunto referente à sexualidade (beijos, abraços e sexo), pois nesse ponto, as conversas familiares eram insuficientes para elucidar esses temas.

3- a sexualidade das leitoras

Como já foi dito anteriormente, a década de 50 se caracterizava por uma divisão bem definida dos papéis sociais, utilizando como critério o sexo. A desigualdade entre homens e mulheres fica ainda mais visível, quando se discute a sexualidade. Prevalencia uma dupla moral sexual que privilegiava aos homens.(BASSANEZI,1996:115) Era permitido aos homens iniciarem a suas atividades sexuais antes mesmo do casamento, com mulheres de “moral duvidosa”, como as chamadas moças levianas, desquitadas __ não merecedoras de chegarem ao altar__ ou mesmo as prostitutas. Essa iniciação sexual, longe de ser considerada vergonhosa, era ostentada com orgulho, pois proporcionava uma maior experiência para os rapazes. De maneira geral, o rapaz que mantivesse diversos relacionamentos rápidos ou mesmo paralelos, não eram vítimas de reprovação social.

Em contrapartida, a situação da mulher, no que tange a esse tema da sexualidade, era bastante diferente. O grupo social parecia estar sempre mobilizado para vigiar as atitudes femininas, impedindo a mulher de cometer excessos sexuais. Desde menina, a mulher era estimulada a valorizar a sua virgindade, percebendo-a como um instrumento essencial para o estabelecimento de uma relação sólida e concreta. A chamada “moça de família” deveria permanecer virgem até o casamento. Depois de sacramentada a união, a mulher se tornava uma senhora, condição que previa uma atitude de recato e boa conduta. Assim, a fidelidade feminina era uma exigência primordial, sem a qual o casamento fracassaria. As esposas infiéis não podiam contar com a compreensão nenhuma e nem eram consideradas dignas de perdão. Sua atitude sexualmente dupla desestruturava a família, já que poucos homens estavam dispostos a conviver com uma mulher que não lhes fosse fiéis. Geralmente, eram acusadas de serem péssimas mães, pois era entendido que a infidelidade feminina afetava o desempenho da mulher enquanto mãe.

A sexualidade feminina deveria ser contida ao extremo. O recato era exigido da menina, não só com relação ao sexo, mas também em outros aspectos da sua vida cotidiana, o que poderia inibir a sua espontaneidade.(BEAUVOIR,1980:74-80) Todas as suas atitudes

deveriam ser calculadas para que ela não fosse taxada de leviana e acabasse “mal falada”. Uma vez mal falada, as chances de conseguir um bom casamento poderiam cair, uma vez que os homens costumavam escolher para esposa, moças de passado inquestionável (“as moças de família”).(DEL PRIORE,2005:282-296)

O medo de não conseguir se casar como o homem amado, devido a um “mau passo” dado no passado, fica patente no relato de “Indecisa”. Ela alega que era muito inocente e que tinha pouca informação a respeito das coisas da vida. Assim, ela conheceu um moço, começou a sair com ele e aconteceu “aquilo” (a linguagem utilizada pela leitora denota que vários eufemismos eram utilizados para não se falar claramente em sexo). Depois ela se confessou, tornando-se “moça correta”. Mas agora se apaixonou por um rapaz correto e tem medo de contar o aconteceu.² pode-se afirmar que o medo que ela expressa de perder o namorado, caso ele viesse a saber do seu passado, é perfeitamente justificável, na medida em que muitos homens, nesse caso, não perdoariam à namorada, mesmo a amando. Apesar disso, a conselheira sugere contar a verdade, na esperança de receber o perdão do amado.

O discurso de “Indecisa” deve ser alvo de reflexão. Ela começa argumentando que pouco conhecia da vida. De fato é possível que essa jovem não tivesse muitas informações a respeito do sexo, na medida em que esse era um assunto tabu para as famílias, mesmo com relação aos meninos. A falta de conhecimento é o argumento utilizado por ela para respaldar a sua atitude que era pouco aprovada socialmente. No entanto, mesmo sabendo que poderia sofrer uma represália social, ela decidiu se entregar ao homem que amava, desafiando os preceitos que a cercavam.

Enfim conversar sobre sexo nessa época parecia ser muito complicado, pois tudo era mantido na base do segredo, principalmente em um meio mais ligado aos valores religiosos, como esse relacionado ao “Lar Católico”. Nem mesmo sobre o beijo se discutia o suficiente. Isso pode ser verificado pela seguinte dúvida que apareceu em um depoimento: “Quando dois namorados que se gostam se beijam, cometem pecado mortal, venial ou nenhum?”.³ A resposta que a garota recebeu estava impregnada por uma idéia de castidade, pois Maria Magdalena ponderou que uma intimidade dessa só pode acontecer entre cônjuges e por isso não foi capaz de discutir melhor sobre o assunto que tanto aguçava a curiosidade da jovem.

Mas como deveria se posicionar a menina, diante da investida do namorado? Esse deve ter sido um dilema considerável para as moças, que desejavam manter seus namorados.

² Lar Católico., 17 de julho de 1955.

³ Lar Católico, 13de novembro de 1955.

A leitora R., de 21 anos parecia estar preocupada com essa questão, quando alegou que seu namorado ainda não havia falado em casamento e mesmo assim lhe pediu um beijo.⁴ Apesar de o cinema americano estar divulgando nessa época, várias cenas de beijos de amor, a conselheira se distancia dessa tendência, afirmando que o beijo é algo sagrado, e que a leitora deve convencer o namorado que só poderá beijá-la após o casamento. Nesse aspecto, a *Desiludida*, realmente não sabia como proceder, pois de acordo com ela, não deu “intimidades” aos namorados que teve, mas eles simplesmente sumiram.⁵

Nessa época, as regra de boa conduta previam que moça deveria manter-se virgem até o casamento. Durante o período do namoro, as manifestações de carinho e apreço deveriam ser discretas. Não era aconselhável à moça ceder às pressões masculinas, pois se o fizesse como aconteceu com a indecisa, o prejuízo social poderia ser muito alto. Mas na prática, algumas meninas se mostravam confusas, pois não sabiam se deveriam permitir ou não essas intimidades. Parecia difícil para elas controlar os desejos do namorado e o manter ao seu lado sem ceder a suas pressões.

Conclusão

A partir disso, pode-se concluir algumas questões, uma delas consiste no fato de a sociedade dos anos cinquenta ser caracterizada pela desigualdade sexual. A cultura valorativa dava o tom dessa diferença, reservando para as mulheres o domínio do espaço privado, enquanto os homens exerciam suas atividades no espaço público. As concepções de feminino e masculino, amplamente naturalizadas, eram as responsáveis por essa distribuição de função, que organizava a vida social. A sociedade procurava vigiar as condutas, acusando os desvios femininos e enaltecendo os masculinos. Por conta dessa vigilância, a preocupação com o jogo de aparências era constante, tentando impedir, em muitos casos o pleno desenvolvimento dos pensamentos individuais e dos sentimentos.

As novas gerações tentaram aumentar a sua autonomia, flexibilizando alguns desses valores. Mas o conflito é inevitável, pois o tradicionalismo ainda estava presente no imaginário, influenciando alguns dos comportamentos que envolvem a prática amorosa. Nesse sentido, as jovens de Juiz de Fora pretendiam resolver os seus impasses, buscando o auto-conhecimento e um entendimento mais amplo a respeito dos aspectos que estão vinculados aos seus enlances amorosos e sexuais. Algumas delas estavam dispostas a pensar

⁴ Lar Católico, 1 de maio de 1955.

⁵ Lar Católico, 16 de outubro de 1955

em atitudes e mecanismos, que eram desaconselháveis pelo grupo social, para levar adiante os seus objetivos.

Bibliografia

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. PRIORI, Mary Del (org). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

BASSANEZI, Carla. *Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal(1945-1960)*. Cadernos Pagu, 1996 p 114-115.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: Fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Nova, 1980.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica).

Cadernos Pagu (4) – *fazendo história das mulheres*, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1995.

CUNHA, Maria de Fátima da. Homens e mulheres nos anos 1960/70: um modelo definido?

In: *História: Questões & Debates*, Curitiba Editora da UFPR, 2001, p.202.

DEL PRIORE. Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.